



RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: AS ESCOLHAS DAS ALUNAS DO CEFET-MG

Sabrina Fernandes Pereira Lopes¹
Raquel Quirino²

Resumo: A educação profissional técnica de nível médio, embora abrigue um número cada vez maior de mulheres, ilustra uma realidade de desigualdade, na qual os marcadores e estereótipos de gênero influenciam as escolhas profissionais dos/as alunos/as. Dados do INEP (2015) evidenciam que em todo o Brasil as mulheres se concentram em cursos cujas áreas de atuação reportam ao cuidado e a uma estreita ligação com o trabalho doméstico, tais como os cursos dos eixos tecnológicos Ambiente e Saúde e Turismo, Hospitalidade e Lazer. O presente trabalho derivado de uma pesquisa de mestrado realizada no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), por meio do levantamento documental na instituição e da análise dos discursos de alunas dos cursos de maior e menor concentração feminina, analisa as escolhas de mulheres por determinados cursos em detrimento de outros. Os resultados evidenciam deslocamentos e permanências na dinâmica das relações de gênero durante o acesso e permanência na Educação Profissional e Tecnológica, destacam os preconceitos presentes nos cursos de maioria masculina e a continuidade da maior participação feminina em cursos relacionados às habilidades vistas como inatas nas mulheres. No entanto, há uma forte convicção das alunas sobre a assertividade de suas escolhas e uma resistência à ideia hegemônica de que áreas técnicas altamente feminizadas sejam desvalorizadas social e economicamente.

Palavras-chave: Relações de Gênero, Educação, Educação Profissional e Tecnológica.

1. INTRODUÇÃO

Discute-se nesse artigo as relações de gênero na Educação, Ciência e Tecnologia por meio do levantamento e análise de dados empíricos sobre as escolhas realizadas por alunas da educação profissional por determinados cursos em detrimento de outros. Foram realizadas, no período de agosto a setembro de 2017, entrevistas semiestruturadas com onze alunas dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Os sujeitos de pesquisa são jovens matriculadas nos cursos técnicos em mecânica e hospedagem, respectivamente aqueles com menor e maior porcentagem de mulheres matriculadas no último quinquênio. Para preservar as identidades das entrevistadas os nomes verdadeiros foram substituídos por nomes fictícios. Buscando a

¹ Mestre em Educação Tecnológica – CEFET-MG Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil;

² Pós-Doutora em Educação – CEFET-MG Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil;

³ Pesquisa realizada com recursos do Programa Institucional de Fomento à Pesquisa do CEFET-MG – PROPESQ e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG;

apreensão e desvelamento do fenômeno a partir da fala das entrevistadas nas entrevistas, foi utilizada a técnica de Análise Crítica do Discurso (ACD), proposta por Fairclough (2001), e a base teórica para a análise dos dados empíricos está, predominantemente, embasada nas teorias da Sociologia do Trabalho Francesa, principalmente, as teorias das Relações Sociais de Sexo/Gênero e da Divisão Sexual do Trabalho propostas por Hirata (1998, 2002, 2003, 2007) e Kérgeat (1989, 2009, 2010), fortemente influenciadas por pressupostos marxistas, o que possibilitou uma abordagem mais crítica do fenômeno estudado.

2. Relações de Gênero na EPT: A presença feminina na Educação Profissional Tecnológica Brasileira

Ao longo da história brasileira, a oferta de Educação Profissional e Tecnológica (EPT) tem estado predominantemente subordinada aos interesses capitalistas, após seus primeiros registros no início do século XIX, com a criação dos Colégios de Fábrica em 1809, partindo de um decreto do então Príncipe Regente, segundo Moura (2008,p.06), de forma assistencialista e coerente com a sociedade escravocrata e colonizada que lhe dava origem. No século, seguinte se intensificou o objetivo de prover operários para o crescente número de empreendimentos que surgiam, com a organização do poder público pela promoção da educação profissional para a preparação de trabalhadores para atuarem na agricultura, indústria e comércio. Demarca-se no período a divisão entre educação propedêutica voltada aos filhos da elite e a educação profissional com objetivo de preparar as classes desfavorecidas para o trabalho (Saviani, 2007,p.157).

Em 1927 foi aprovado o projeto de Fidélis Reis, que tinha como objetivo a oferta obrigatória e universal de ensino profissional no Brasil. Dessa forma, para Soares (1995,p.101), a EPT inseriu-se em uma lógica com visão diferente da assistencialista,“encarando o trabalho ora como fator de desenvolvimento do País, gerador da riqueza nacional, ora como instrumento na luta pela sobrevivência e promoção individual”. Porém essa legislação não chegou a ser implementada, segundo Rodrigues (2002,p.60), provavelmente por motivos financeiros, uma vez que previa a criação de instituições de ensino em todo o país.

Configura-se, desde o período citado até a atualidade, uma constante tensão entre as visões que consideram que educação para a vida e para o trabalho são indissociáveis e projetos com perspectivas que segregam a educação regular da profissional.

Em meio a essa disputa, a participação feminina nos cursos tem aumentado significativamente, tendo o número de matrículas de mulheres superado a de homens na década de 2000 e, embora o relatório *Gender and education for all the leap to equality: EFA global monitoring report 2003/4*³⁴ (Chegue et AL 2005) divulgado pela UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura evidencie a tendência mundial à igualdade de acesso ao ensino pós-secundário, também aponta os padrões de escolha realizados pelas mulheres como uma questão fundamental a ser discutida para que seja alcançada a igualdade de gênero. Na realidade brasileira persiste a tendência das alunas se concentrarem em determinadas áreas do conhecimento em detrimento de outras. As áreas gerais de formação com maior concentração feminina são as com ocupações de menor remuneração média no mercado de trabalho (IBGE, 2014,p.107), e que mais se afastam da visão do senso comum de Ciência e Tecnologia. Para contribuir com o desvelamento das escolhas das alunas por essas áreas de atuação em detrimento de outras mais “tecnologizadas” é necessário conhecer a forma como essas mulheres se percebem e se relacionam com suas construções sobre a formação profissional, inserção e atuação no mundo do trabalho.

Conforme esclarece Hirata (2002,p.23) as pesquisas sobre a EPT e o mundo do trabalho, em sua grande maioria, são realizadas sob uma perspectiva que não leva em conta as relações de gênero e o sexismo presente nessas relações sociais, tratando-se de pesquisas *gender-blinded*. A autora afirma ainda que essa tendência das pesquisas, em realizar generalizações partindo de um ponto de vista masculino, pode induzir ao erro, uma vez que ações de formação profissional não têm “a mesma amplitude nem o mesmo alcance, e tampouco a mesma significação para as mulheres e para os homens” (Hirata, 2002,p.224) deixando de explorar a possibilidade de o espaço de formação contribuir para a visão da “pseudo incompetência técnica” feminina.

³⁴ Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132513e.pdf>



Torna-se importante discutir os elementos que contribuem para a concentração feminina em determinadas ocupações e a desvalorização dos grupamentos de atividades em que elas se encontram. Dessa forma, analisar os diversos aspectos que levam as mulheres a fazer suas escolhas por determinado curso em detrimento de outros, pode indicar pistas da segregação feminina em determinados guetos ocupacionais, geralmente mais desvalorizados.

No Censo Escolar da Educação Básica realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP em 2014, constata-se que as mulheres são maioria no ensino técnico de nível médio, porém, quando se realiza uma análise dos censos ocorridos entre 2012 e 2013, é possível observar que a tendência das mulheres por determinados grupamentos de trabalho se estende à escolha dos cursos técnicos. Evidencia-se como prioridade para elas os cursos técnicos na área de Desenvolvimento Educacional e Social e Ambiente e Saúde e a menor participação na área Militar e de Controle e Processos Industriais.

Pelo senso comum, o baixo número de mulheres que estudam ou trabalham nas áreas de Ciência e Tecnologia é associado às suas características inatas, como a inaptidão biológica ou emocional para exercerem funções nas áreas das Ciências Exatas e Naturais e nas Engenharias. Nesse sentido, Hirata (2003, p. 148) alerta que “é necessário tentar ver porque as mulheres são consideradas incompetentes, apesar deste alto nível de escolaridade. É importante pensar na questão das mulheres e em sua incompetência técnica”. Considerando-se que o gênero seja uma construção humana, e não um conjunto de características inatas torna-se, então, relevante procurar as origens dessa suposta inaptidão técnica das mulheres.

A formação familiar brasileira mostra um histórico de mulheres assumindo exclusivamente as tarefas domésticas - que não são consideradas trabalho, a não ser quando realizados de maneira remunerada. Somam-se a isto, os estereótipos de gênero que associam as mulheres à habilidade motora fina, minúcia e atenção, sempre associados aos cuidados e às aptidões inatas e naturais, relacionados à fragilidade e à fraqueza.

Para Bruschini (1998, p. 30),

o importante a reter é que o trabalho das mulheres não depende apenas da demanda do mercado e das suas necessidades e qualificações para atendê-la, mas decorre também de uma articulação complexa, e em permanente transformação, dos aspectos mencionados [O estado conjugal e a presença de

filhos, associados à idade e à escolaridade da trabalhadora, as características do grupo familiar, como o ciclo de vida e a estrutura familiar], os quais, é preciso enfatizar, não afetam os movimentos da mão-de-obra masculina.

Essa tendência que leva as mulheres a optarem por determinadas áreas de conhecimento e, conseqüentemente, por setores de emprego formal constantemente menos valorizados, tanto economicamente quanto em prestígio, é descrita por Olinto (2011) como “segregação horizontal” ou “labirinto de cristal” (LIMA, 2013). Já a tendência das mulheres ocuparem atividades mais subordinadas e de apoio é descrita como “segregação vertical” (OLINTO, 2011) ou “teto de vidro” (BILY, SHERRY & MANOOCHECRI, 1995).

3. As Escolhas das Alunas do CEFET-MG

Foram realizadas entrevistas, nas dependências da instituição, com 11 alunas dos cursos técnicos integrados no ano de 2016, sendo 7 alunas do Curso Técnico em Hospedagem (hegemonicamente feminino) e 4 alunas do curso técnico em mecânica (reconhecido como masculinizado). As entrevistadas foram escolhidas por acessibilidade e pelo interesse de contribuir com a pesquisa. As idades das alunas variam entre 16 e 18 anos e a maioria, 9 delas, é proveniente de escolas públicas e todas residem com a família.

Durante as entrevistas buscou-se identificar fatores de ordem familiar, socioeconômica e cultural que possam ter influenciada na escolha das alunas por tais cursos. Quanto ao conhecimento e visão prévia da ciência e tecnologia as alunas demonstram ter uma visão de C&T (Ciência e Tecnologia) mais ampliada do que a tradicionalmente relatada pelo censo comum. Infere-se que parte desse discurso seja influenciada pelo fato de estudarem em uma escola pública federal respeitada pela formação de jovens para áreas tecnológicas, no qual, desde o início do curso, têm acesso a leituras, debates e trabalhos práticos envolvendo ciência e tecnologia. Essa visão também aparece quando falam dos motivos que as levaram previamente a escolher o curso, o que sugere uma reelaboração dos aspectos anteriores ao ingresso na instituição às novas reflexões realizadas durante o período de estudo no CEFET-MG. As falas de Virgínia e Helena fazem referência às visões conflitantes de C&T:

Sempre que eu penso em tecnologia, penso em celular, software, nas minhas aulas de CAD (desenho assistido por computador), isso, mas eu acho que tecnologia devia ser acessibilidade, né? Quanto mais pessoas, melhor. (Virgínia. Curso Técnico em Mecânica).



A ciência não é só laboratório, não é colocar uma coisa dentro da outra. Existem ciências humanas, que é um tipo de ciência. E tem um preconceito das ciências humanas, e aí nosso curso está dentro disso. Dizem que as ciências humanas são mais fáceis. Mais fácil nada! Aham que é mais fácil porque está dentro do cotidiano, que é lidar com pessoas e é uma coisa mais próxima da realidade, mas na real, vocês não sabem não, tem que ter técnica dentro dos procedimentos, tem muita coisa. (Helena. Curso Técnico em Hospedagem).

A opinião das alunas, contrapõem-se à perspectiva histórica, descrita por Chassot (2003, p.93), de tais ciências seriam uma extensão das atividades de trabalho reprodutivo, realizado no lar e fora da esfera social e portanto hierarquicamente inferiores. De fato a oposição entre ciências humanas e as ciências exatas, mais comumente vista na literatura como ciências hard e soft, surge até nas falas das entrevistadas mais concisas, como é o caso de Cecília (Curso técnico em Hospedagem): “Ué, escolhi porque é o único curso técnico de humanas”.

Velho e León (1998) apontam a falta de estímulo da família é um dos aspectos que mais afasta as meninas das áreas científicas. Identificou-se entre as entrevistadas que aquelas que optaram pelo Curso Técnico em Mecânica seguiram certo modelo existente na família. O fato de terem pessoas do grupo familiar inseridos nessa área técnica produziu nas meninas uma relação afetiva e de curiosidade em relação à profissão, conforme é evidenciado na fala de Virgínia, cujo avô trabalhou com mecânica automobilística:

Quando eu entrei, achei que seria mecânica automobilística, igual ao meu vô. Eu sempre gostei muito de carro, quando eu ouvia pensava “que coisa magnífica, como funciona tudo isso? Tanta coisa junta e olha, funcionando!” Mas quando eu entrei na mecânica vi que era industrial, e eu fiquei “nossa, como é que vai ser? (Virgínia, curso técnico em mecânica).

Em sua fala se destaca o funcionamento mecânico automobilístico como “coisa magnífica”, discurso semelhante ao de Lívia:

Eu sou muito curiosa para saber como as coisas funcionam, eu sou curiosa porque usamos um material ao invés de outro num sistema mecânico, porque aquele material e quais as propriedades, eu sou muito curiosa em saber realmente como as coisas funcionam. (Lívia, curso técnico em mecânica)

As falas de ambas as alunas revelam deslumbramento e curiosidade pelo funcionamento dos artefatos tecnológicos evidenciando que tal interesse por tecnologia acontece independentemente do gênero. Porém, ao prosseguirem seus relatos, evidencia-se uma vontade de adentrar em universo, a elas inacessível, de um mundo reservado aos homens da família, conforme ressalta Lívia.



As conversas sobre mecânica eram limitadas àquele círculo ali, meu pai, meu avô, meu tio e outras pessoas da minha família que tem um contato a mais com a mecânica, então acho que eles nunca conversaram realmente sobre isso comigo, só me contaram umas histórias...

Para Carvalho (2012) a ciência e tecnologia como são conhecidas na esfera pública foram construídas sobre bases patriarcais. Aqui se evidencia uma intercessão dessa esfera pública com a privada, pois, aparece uma divisão dentro da própria família, entre os homens que discutem o fazer tecnológico excluindo dessas conversas as mulheres, uma vez que a elas estão reservados saberes de outra natureza.

Nesse sentido, a escolha das alunas pelo Curso Técnico em Hospedagem representa uma ruptura com as ideias de Velho e León (1998) nas quais a família tende a afastar as mulheres das carreiras mais tecnologizadas e aproximar daquelas tradicionalmente vistas como femininas. A escolha pelo curso aqui aparece com pesar ou indiferença para a família das alunas e nenhuma delas descreve qualquer incentivo da família para optarem por tal área. Ainda que a percepção de que determinados cursos não são comumente vistos como adequados para mulheres, o que mais pesa no posicionamento dessas famílias é o prestígio social e econômico da profissão, uma vez que, conforme descrito por Toledo (2001), as profissões vistas como femininas passam por um processo de desvalorização econômica e social, assumindo uma posição hierarquicamente inferior ao trabalho visto como masculino. As famílias das alunas não desejam ter as filhas em um curso inferior ou socialmente mal visto:

Quando eu estava para entrar aqui, tinha aquele estereótipo, né? Minha prima mais velha, por parte de pai, estudou aqui antes e quando eu falei “Vou fazer vestibular, vou tentar para hospedagem, ela começou a me encher o saco. Ela faz química e acha que por isso é melhor que eu. (Anna – Curso técnico em Hospedagem)

Quando eu fiz foi de boa, mas quando a minha a minha irmã entrou e fez mecânica disseram: “nossa, a gênica da família”. Então depois que ela entrou foi pior. (Cecília - Curso técnico em Hospedagem)

O que passavam pra mim é que era um curso de sapatão, puta e viado. (Célia - Curso técnico em Hospedagem)



Assim, no momento da escolha dessas alunas, evidencia-se uma situação em que “se perde ou se perde”. Existe a pressão cultural e social que seus cursos sejam supostamente condizentes com a feminilidade, porém, essas escolhas são desvalorizadas por se tratarem de áreas econômica e socialmente vistas como menos relevantes. Surge nesse paradoxo a dicotomia e a dupla pressão: para que mantenham o estereótipo de gênero e ao mesmo tempo que o superem.

Entre as entrevistadas, mesmo aquelas provenientes de escolas particulares, nenhuma declarou ter uma situação financeira elevada, caracterizando-se todas como parte da classe média baixa. Assim, embora tenham aparecido de forma muito discreta em seus relatos, os aspectos relacionados à valorização econômica e a aceitação do mercado de trabalho emergem, sobretudo para aquelas que vem de uma família com situação financeira mais difícil.

No geral, nos cursos de exatas, até no mercado, as mulheres não são bem aceitas, porque eles têm essa ideia geral de que mulher não serve para conta, não serve para manejar carro, pra trocar motor, não serve pra nada disso. No nosso curso já é o contrário. No nosso curso é raridade ter um homem em um hotel. No hotel o homem é só para o serviço braçal mesmo, ou na recepção e tal, mas a gente vai no hotel e vê muito isso, a gente vai no hotel e para cada homem tem três, quatro mulheres e aí, a gente já é muito bem aceita no mercado, que é um mercado gigante, o mercado de hospedagem. (Alice – Curso Técnico em Hospedagem).

Essa fala de Alice corrobora a teoria de Carvalho (2012, p.2), na qual não se pode negar que há uma hierarquização social das características historicamente consideradas femininas e masculinas, assim como das mulheres e dos homens que as reproduzem, sendo as femininas as de menor valor social.

Porém as entrevistadas do Curso Técnico em Hospedagem não externaram o aspecto econômico como de grande preocupação ou como interveniente em suas escolhas, aqui cabe citar que as escolhas foram feitas na época da vida em que elas não são economicamente ativas. Foi mais frequente a escolha do curso ser feita para uma preparação para a graduação, devido ao alto nível de ensino da instituição e do sucesso dos seus egressos em vestibulares e no ENEM, do que como preparatório para o exercício da profissão técnica:



Eu não gosto de matemática, eu gosto de pessoas e acho que eu não tinha ideia do que fazer na faculdade e era o curso do CEFET que me dava mais base e um leque mais amplo de opções quando eu saísse daqui. (Anna – Curso Técnico em Hospedagem)

Eu queria comunicação, entrei querendo comunicação e quis por muito tempo, daí tinha matérias tipo administração, que pareceu útil. Foi de olhar as coisas e pensar como aquilo pode me ajudar, não de eu pensar aquilo para a vida, mas saber que aquele curso técnico pode me ajudar naquele momento. (Helena - Curso Técnico em Hospedagem)

As entrevistadas externam ainda não terem feito suas escolhas ignorando a existência de tensões de gênero presentes nos cursos, e, em cada um deles, elas se rebelam de algum modo contra os princípios da divisão sexual do trabalho. As alunas de mecânica verbalizam a vontade de romper com o princípio da separação, quebrando as tradições através do ingresso em uma área fechada às mulheres e através da negação de continuar sendo deixadas de lado,

Mecânica, eles falavam que era um curso difícil, que não era pra mulher. Eu quis fazer, se homens fazem, eu também posso. (Luísa – Curso Técnico em Mecânica)

A gente tem um time e estamos tentando nos unir cada vez mais contra essa coisa de só homens no Curso Técnico em Mecânica. Eles não precisam ser protagonistas sempre (Virgínia - Curso Técnico Mecânica).

Já no Curso Técnico em Hospedagem, embora a escolha das alunas tenha se dado conscientemente por um curso majoritariamente feminino, aparece o desejo de romper com o princípio da hierarquia. Elas demonstram muita vontade de lutar contra a desvalorização da área que ocorre justamente por ser feminizado. Suas falas não exprimem fortemente o desejo de questionar se elas devem ou não optar pelo curso, mas sim que este não deve ser menosprezado e desvalorizado diante dos outros cursos técnicos da instituição.

A gente tá tentando mudar essa visão, mas é muito, muito, muito forte essa coisa de ser curso para mulher, de ser curso mais fácil, só menina que faz, todas meninas de “hosp.” têm que ser bonitas. Quando eu fui entrar no CEFET um amigo meu falou que a fama é que a turma de hospedagem era uma turma cheia de mulher bonita. Hospedagem é mulher bonita, só isso. (Anna – Curso Técnico em Hospedagem)

Porque eles não oferecem uma estrutura pra gente, sei lá, desenho técnico tem um laboratório, precisa de uma sala para você desenhar? Precisa. Então

a gente precisa de estrutura, de materiais. (Alice - Curso Técnico em Hospedagem)

Considerações Finais

A presente pesquisa problematiza as relações de gênero e o sexismo presentes na Educação Profissional e Tecnológica, a partir da análise das escolhas de um grupo de alunas dos Cursos Técnicos em Hospedagem e Mecânica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG e não tem a pretensão de esgotar as discussões sobre Educação Profissional e Tecnológica, o sexismo e as relações de gênero presentes em sua dinâmica que, muitas vezes, passam despercebidos nas tramas das relações sociais. Pelo contrário, é ponto de partida para novos questionamentos e estudos.

Durante a análise das entrevistas foi possível perceber que a maioria das alunas não apresentava um conhecimento sistematizado sobre as suas futuras áreas de atuação antes do ingresso nos cursos, mas já se posicionavam contrariamente a valorização desigual das atividades vistas como femininas e à negação de seu acesso aos locais de prestígio social. Suas falas defendem abertamente as ciências humanas como conhecimento válido e a capacidade feminina em atuar em qualquer atividade, porém ainda estão presentes traços do discurso hegemônico, principalmente no que tange à capacidade física para labutar em áreas que requerem um trabalho visto como mais pesado, ignorando os avanços tecnológicos que facilitam sua realização.

Os aspectos presentes nas escolhas das alunas são de ordem variada, conforme já era esperado quando da escrita do projeto de pesquisa, e não se apresentam de forma homogênea e linear; contradizendo-se, e, muitas vezes, subvertendo o senso comum e as teorias já criadas a esse respeito.

Entre os aspectos analisados figuram, preponderantemente, aqueles de ordem familiar, social e cultural. Para as alunas do Curso Técnico em Mecânica a influência familiar aparece de forma mais evidente na opção por uma carreira que já está estabelecida no grupo familiar e no desejo de fazer parte de um grupo reservado apenas para os homens da família. Já no Curso Técnico em Hospedagem evidencia-se uma relação antagônica e paradoxal diante das pressões sofridas pelas alunas para se adequarem às profissões “de mulher” e a decepção dos parentes quando essa escolha leva a uma profissão social e economicamente



desvalorizada. Destaca-se também o engajamento das alunas em discussões de cunho político e feminista e o rompimento com instituições tradicionais, como a igreja, quando relatam suas escolhas profissionais.

Nos dois cursos analisados, com maior e menor participação feminina, percebe-se a luta pela modificação da situação da mulher. Enquanto as alunas do curso técnico em mecânica buscam a desconstrução da segregação horizontal, adentrando em grupos anteriormente reservados apenas aos homens e, também a segregação vertical, buscando opções de cursos para sua ascensão profissional futura. Já aquelas que optaram pelo curso tradicionalmente feminino, essa escolha não foi feita de forma cega. As alunas demonstram conhecer essa realidade sexista e, embora ingressem em áreas profissionais feminilizadas, assumem uma postura combativa contra a desvalorização dos conhecimentos ditos femininos, de sua naturalização e, portanto, não exigência de formação específica. Infere-se que a escolha por um curso com histórico de grande presença feminina aparece como um ato de rebeldia, uma negação da valorização única das ciências exatas, do que como uma aceitação tácita das regras sexuadas socialmente estabelecidas.

Após seu ingresso, as alunas descrevem uma situação que manifesta claramente o princípio da hierarquia nos cursos do CEFET-MG: existem cursos para homens e cursos para mulheres e os cursos para eles valem mais do que o curso para elas, confirmando os princípios organizadores da divisão sexual do trabalho descritos por Kérigoat (1989). Os discursos reproduzem a necessidade constante das mulheres de lutarem para se estabelecer nos cursos, seja pela imposição de sua presença e denúncia do sexismo presente ou pela reafirmação da importância social que seu curso tem para a sociedade.

Referências

- BILY; SHERRY ; MANOOCHECRI. Breaking the glass ceiling. *American Business Review*, v. 13, n. 2, p. 33-40, 1995.
- BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. *Trabalho das mulheres no Brasil: continuidades e mudanças no período 1985-1995*. São Paulo. Fundação Carlos Chagas, 1998. 85p.
- CARVALHO, Marília Gomes, Gênero e os Paradigmas Científico. In: *Anais Congresso Iberoamericano de Ciencia, Tecnología y Género*, 2012, 9, Sevilla, OEI, 2012.1-9.
- CHASSOT, A. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro , n. 22, p. 89-100, 2003 .



-FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

-HIRATA, Helena. Reestruturação produtiva, trabalho e relações de gênero. *Revista Latino-americana de Estudos do Trabalho*, v. 4, n. 7, p. 5-27, 1998.

-HIRATA, Helena et. AL. (orgs.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009.

_____. Dinâmica e Consustancialidade das Relações Sociais. *Novos Estudos*. CEBRAP 86, mar. 2010

_____. *Nova divisão sexual do trabalho?: um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. Boitempo, 2002a.

_____. Tecnologia, formação profissional e relações de gênero no trabalho. *Revista Educação e Tecnologia*, Belo Horizonte, n.6, p.144-156. 2003.

_____. Division sexuelle du travail et rôle de l'état: l'exemple brésilien. *Critiques de l'économie politique*, v. 17, p. 40-67, 1981.

_____. Globalização e divisão sexual do trabalho. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 17-18, p. 139-156, 2002.

_____. O trabalho de cuidado aos idosos no Japão e alguns aspectos de comparação internacional. *Mediações*, Londrina, v. 17 n. 2, p. 157-165, Jul./Dez. 2012

-IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Estatísticas de Gênero: Uma análise dos resultados do Censo Demográfico 2010*. 1. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. 159p.

-KERGOAT, D. Da divisão do trabalho entre os sexos. *Tempo social*, v. 1, n. 2, p. 88-96, 1989.

_____. Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais de Sexo. In:

-LIMA, B. S. O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física. *Estudos Feministas: Florianópolis*, setembro-dezembro, 2013.

-MOURA, D. H. Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração. *Holos*, v. 2, p. 4-30, 2008.

-OLINTO, G. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. *Inc. Soc.* Brasília, DF, v.5 n.1, p.68-77, jul./dez., 2011

-QUIRINO, Raquel. *Mineração também é lugar de mulher!* Desvendando a (nova?!) face da divisão sexual do trabalho na mineração de ferro. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2011

-SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-165, Apr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782007000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07 de novembro de 2015.

-SOARES, M. J. A. Uma nova ética do trabalho nos anos 20—Projeto Fidélis Reis. *Série Documental-Relatos de Pesquisa*, n. 33, p. 98-105, 1995.

-SOARES, Thereza Amélia. Mulheres em ciência e tecnologia: ascensão limitada. *Química Nova*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 281-285, Abril de 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010040422001000200020&lng=en&nrm=iso>.

-RODRIGUES, J. Celso Suckow da Fonseca e a sua “História do ensino industrial no Brasil”. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 2, n. 2 [4], p. 47-74, 2002.

-TOLEDO, Cecília. O gênero nos une a classe nos divide. *Cadernos Marxistas*. São Paulo: Xamã, 2001

-VELHO, Lea; LEÓN, Elena. A construção social da produção científica por mulheres. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.10, p. 309-344, 1998.

GENDER RELATIONS IN PROFESSIONAL AND TECHNOLOGICAL EDUCATION: THE CEFET-MG STUDENTS CHOICES.

Technical vocational education illustrates a reality of inequality, gender stereotypes still influence the students professional choices. Data from INEP (2015) shows that all over Brazil, women are concentrated in courses whose related to care and with close connection with domestic work, such as the courses of technology (i) Environment and Health and (ii) Tourism, Hospitality and Leisure. The present work, derived from a master's research, analyze the choices of women over certain courses, using a documentary survey and discourse analysis. The results show the dislocations and permanence in the dynamics of gender relations during the access and permanence in vocational and Technological Education, highlighting the preconceptions present in the male majority courses and the continuity of the greater female participation in courses related to abilities seen as naturals. However, there is a strong conviction of the students about the assertiveness of their choices and a resistance to the hegemonic idea that highly feminized technical areas should be devalued socially and economically.

Keywords: Gender Relations, Education, Professional and Technological Education.